

Relendo a Gazeta do Rio de Janeiro

Ao primeiro jornal do Brasil, o que lhe é de direito

Rereading the Gazeta do Rio de Janeiro

To the first newspaper in Brazil, what it deserves

Mário Messagi Jr.

*Professor nos cursos de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda da UFPR.
Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Curitiba (PR), Brasil.*

Um objeto maltratado

A Gazeta do Rio de Janeiro, periódico fundado pela Coroa Portuguesa em 1808, no Brasil, tem sido sistematicamente diminuída pela historiografia da imprensa. A avaliação mais usual do periódico repete o texto, como um palimpsesto, de John Armitage, do livro *História do Brasil*, publicado em São Paulo em 1914.

Por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam estas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A se julgar o Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume. (ARMITAGE apud SODRÉ, 1983, p. 20; ARMITAGE apud MELO e SOUZA, 1986, p. 16)

Esse texto de Armitage, incapaz de entender o papel da Gazeta no seu tempo, inclusive como instrumento político da monarquia que aqui se instalara, oblitera o periódico como objeto de estudo. Julgada rapidamente, ela deixa de ter valor para a história. Dentro desse espírito, Werneck Sodré, por exemplo, além de citar Armitage, ainda arremata: “A qualifica o era merecida, sem qualquer d vida, mas

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.65>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, N  46, p.164-189, jan./abr. 2022

caberia, ao longo dos tempos, a muitas outras folhas. Consagrada como marco inicial da imprensa brasileira, a de frei Tibúrcio não teve nenhum papel daqueles que são específicos do periodismo, salvo o cronológico.” (SODRÉ, 1983, p. 20)

Lustosa vai pelo mesmo caminho, ao falar da Gazeta.

Publicava também um noticiário internacional, mas este era absolutamente anódino, com as informações filtradas pela rigorosa censura da Imprensa Régia de forma que nada que lembrasse o liberalismo ou revolução alcançasse as vistas sugestionáveis dos súditos da coroa portuguesa. (LUSTOSA, 2003, p. 20)

E emenda que até 1821 a única fonte de informação do público do Rio de Janeiro era a “tediosa Gazeta” (LUSTOSA, 2003, p. 20). Tanto o adjetivo “tediosa”, quanto a tese de que os súditos eram sugestionáveis são questionáveis. Pela durabilidade, pela insistência como o público se relaciona com a Gazeta como espaço de manifestação e pela exclusividade na circulação de informações atuais, tendo apenas o Correio Braziliense como concorrente externo e de outra natureza, é razoável supor que o periódico era lido, como afirma Juarez Bahia (1990). Se era tediosa para o público, não há indícios concretos, exceto as críticas de Hipólito José da Costa, que a lia em Londres e, portanto, não tinha contato com a realidade e os leitores que liam a Gazeta¹. Também não é razoável supor que, sendo tediosa para o pesquisador, o periódico era tedioso para seus leitores contemporâneos. Esse é o tipo de julgamento anacrônico e político que impede a compreensão do objeto.

Pior é a tese de que a única casa real que, apossada por Napoleão, atravessou o atlântico e instaurou uma corte entre nativos do Brasil, com a aceitação daqueles que não eram de estirpe nobre na Europa e que inaugurou a monarquia brasileira, cuja longevidade foi de 81 anos, fosse sustentada sobre um frágil amálgama cultural. A Gazeta, escrita, sobretudo, para os portugueses emigrados para o Brasil, expulsos da Europa por Napoleão, seria assim um propagador ideológico de uma corte na defensiva entre seus próprios cortesãos.

¹ Hipólito José da Costa é considerado o patrono da imprensa brasileira. Nasceu em 1774, na Colônia do Sacramento, quando a cidade ainda era território brasileiro. Botânico, maçom e adepto das ideais liberais, foi funcionário da corte portuguesa e teve a incumbência de, em 1802, ir à Inglaterra comprar livros e maquinário para a criação da imprensa régia portuguesa. É muito provável que o prelo inglês que comprou tenha sido um Stanhope, de metal, com muito maior capacidade de impressão do que os prelos de madeira da época e que tal equipamento tenha sido embarcado para o Brasil em 1807, com a corte em fuga dos exércitos de Napoleão Bonaparte. Na volta da Inglaterra, foi preso, por ser maçom. Com ajuda do Duque de Sussex, fugiu e foi se exilar em Londres, de onde, em 1808, começa a escrever seu periódico, o Correio Braziliense, que mirava nos cortesãos emigrados para o Brasil como leitores.

O passado é como o narraram

O retrato é de todo enviesado, porque (1) pode ser e (2) por razões epistemológicas e discursivas.

1) Pode ser porque a relação temporal do presente com o passado é de trás para frente. Ou seja, ao contrário do que crê o senso comum, não é o passado que explica o presente, mas o presente que seleciona quais passados quer narrar e como, construindo-o a partir das suas perspectivas. O trabalho historiográfico escolhe fontes, ordena fatos, estabelece relações, explica o passado. A partir de seus pressupostos teóricos, ilumina alguns acontecimentos, minimiza outros. Por isso, no atual estado da arte da historiografia, ela já não crê que apreende todo o passado na sua narrativa, se é que um dia acreditou nisso. Tampouco acredita que narrou o passado da única perspectiva possível, posto que o passado, imóvel, seria imutável, assim como sua explicação.

Passado e história são distintos. Essa distinção, segundo Keith Jenkins (2001, p. 24), é essencial. “Se for compreendida, ela [a distinção] e o debate que suscita ajudarão a esclarecer o que a história é na teoria”, diz. Jenkins cita como exemplo a supressão, insistente, das mulheres do relato histórico. Isso não significa, evidentemente, que o passado estava repleto de homens, exclusivamente. Mais óbvio, significa apenas que, na história construída numa sociedade guiada por valores masculinos (para não dizer machistas), excluiu as mulheres de suas narrativas. “As feministas estão agora engajadas na tarefa de ‘fazer as mulheres voltarem para a história’, ao mesmo tempo que tanto homens quanto mulheres vêm examinando os constructos de masculinidade que são correlatos ao tema”, diz Jenkins (2001, p. 26).

2) As razões para o viés são de ordem epistemológica (qual abordagem historiográfica) e discursiva (a posição de onde falam os autores). A obra de Nelson Werneck Sodré *História da Imprensa no Brasil*, lançada em 1966, perdurou por mais de 40 anos como a principal referência na área (RIBEIRO, 2008). Ela materializa uma abordagem focada em “feitos e particularidades dos grandes personagens” (RIBEIRO, 2008, p. 226), com foco sobretudo nas rupturas. Os jornais, nesse livro, se tornam inclusive secundários, instrumentos de vultos como Evaristo da Veiga (1799-1837) ou Cipriano Barata (1762-1838). Importa mais o ator político; a imprensa é seu instrumento. Ou, alternativamente, importa a imprensa como ator político. Essa abordagem é coerente com a posição de fala de Sodré: o marxismo, que vai eleger os processos de transformação e de ruptura como privilegiados. A política é o centro da análise.

Sodré escreveu um livro longo e amplo, que vai da pré-imprensa no Brasil até pouco antes da ditadura militar, em 1964. O livro de Isabel Lustosa *O nascimento da imprensa brasileira*, pelo contrário, é curto e focado nos primeiros anos, mas repete a mesma posição de fala. Doutora em Ciência Política, Lustosa aborda a imprensa a partir deste campo.

E quanto a Armitage, por que assume uma posição tão dura sobre a Gazeta? Inglês nascido em Lancaster, em 1807, o autor de *História do Brasil*, o livro de onde sai a citação do começo deste artigo, era comerciante e se mudou para o Brasil com 21 anos, em 1828, onde permaneceu até 1835. A obra, datada geralmente em 1914, foi lançada de fato em 1836, em inglês, sendo traduzido para o português no ano seguinte (VARELLA, 2008).

Armitage era um liberal, antimonarquista e antiescravagista. E engajado: “De sua amizade com Evaristo da Veiga, importante publicista e figura influente na luta política que levou à abdicação de Dom Pedro I, surgiu a oportunidade de participar da diretoria da Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional (1831-1832)” (VARELLA, 2008, p. 121). Estava muito perto dos acontecimentos que narrou, com posição clara sobre eles. Armitage, a seu tempo, não tinha compromisso com uma visão equidistante, nem se pode cobrar isso dele, mas dos seus leitores historiadores sim.

Essa historiografia que lançou o primeiro jornal publicado no Brasil no limbo começou a ser revista nas últimas décadas, fruto dos esforços anteriores e posteriores a 2008. “Em 2002, foi fundada a Rede Alfredo Carvalho com o objetivo de desenvolver ações destinadas a comemorar, em 2008, os 200 anos de implantação da imprensa no Brasil” (RIBEIRO, 2008, p. 225). A obra que marca a ruptura com os 40 anos de domínio de Sodré é *História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000*, da professora Marialva Barbosa. Ana Paula Goulart Ribeiro comemora o livro como “*Uma história da imprensa, enfim*”. E explica por que o livro é distinto de todos que o antecedem: “A autora concebe a comunicação como um sistema que se realiza num circuito no qual os produtores das mensagens têm tanta importância quanto aqueles que, de maneira plural, se apropriam dessas mensagens, construindo novas significações” (RIBEIRO, 2008, p. 227).

A partir desse movimento epistemológico de revisão histórica a partir de problemas mais próximos do campo da comunicação e mais distantes do campo das ciências políticas, objetos opacos, apagados da história, atores esquecidos, personagens secundados passam a receber outros olhares e outras leituras.

O jornal de dentro para fora

A abordagem proposta por este artigo leva do texto ao tempo. Ou seja, parte da materialidade da Gazeta do Rio de Janeiro e do que nela está inscrito, na sua forma e conteúdo e nas condições discursivas mais estritas ou mais largas nas quais o texto emerge. Isso inclui, por exemplo, as rotinas produtivas escritas e inscritas no próprio texto. Ou seja, aquilo que o conteúdo conta sobre o entorno em que foi produzido e aquilo que ele implicitamente revela, pelas suas condições materiais de emergência e pelo papel de mediação com o leitor que desempenha numa determinada configuração social.

Adotamos a concepção bakhtinianda de texto (BAKHTIN, 1992a) como tessitura, como conjunto de signos que significa não apenas o material verbal, mas também o papel, a forma gráfica, a distribuição do texto na página, até chegar aos gêneros discursivos do periódico (BAKHTIN, 1992b).

Os gêneros são, para Bakhtin, formas estáveis de enunciados, formas estáveis de conteúdos. Cartas e contos são gêneros. Ao se propor a escrever em um destes dois gêneros, o autor se verá diante de uma forma estável, que preconiza uma certa organização textual, um léxico adequado, uma sintaxe ajustada. O gênero pode ser manuseado por ele, mas, de forma mais rígida ou mais fluida, já limita suas escolhas, ao mesmo tempo que lhe garante uma relação mais clara com o seu interlocutor, que, ao reconhecer o gênero, já o lerá como tal, entendendo, pela forma do conteúdo, por exemplo, que o conto é ficção. Já a carta, não; é pessoal e privada.

Para Bakhtin, a organização social organiza e, ao mesmo tempo, é organizada pela língua. Logo, o texto neste caso leva ao tempo, ao contexto em que ele emergiu e que explica o seu significado, em parte, ao mesmo tempo que o contexto é criado pelo texto. A Gazeta fazia isso com maestria. Ao mesmo tempo que expressava a posição da corte, ela constituía as posições sociais relativas no Rio de Janeiro de Dom João.

Por isso, o texto conta para além dele. Ao mesmo tempo, é mais relevante pela forma do conteúdo que pelo próprio conteúdo. Um gênero como, por exemplo, a republicação de carta sobre as guerras na Europa traz informações sobre o mesmo tema e sob a mesma perspectiva. A função social de um gênero está menos no que diz e mais na relação que estabelece com seu leitor.

O corpus, dentro desta perspectiva, foi composto de edições dos primeiros anos da Gazeta, confrontados com edições de 1811 e 1812, apenas para avaliar se os gêneros continuavam os mesmos, com a mesma funcionalidade, formas estáveis de conteúdo. Assim, os trechos que exemplificam este artigo, ainda que exemplos individuais, são representantes de um conjunto de ocorrências regulares.

O dispositivo e os gêneros que o compõem

A Gazeta durou de 10 de setembro de 1808 a 31 de dezembro de 1922. Seria distribuída aos sábados, mas já na segunda semana as edições saíam também às quartas, com recorrentes edições extras, produzidas ao longo de toda existência do periódico, conforme houvesse oferta de informação ou outros conteúdos. A partir de julho de 1821, já às vésperas de encerrar seu ciclo, passou a sair terças, quintas e sábados.

Foi editada e distribuída ininterruptamente, todos os meses, incluindo feriados. No total, foram 1571 edições regulares e 192 edições extraordinárias ou suplementos, nomenclatura utilizada pela própria Gazeta.

Era produzida, de início, pelo frei Tibúrcio José da Rocha, migrado para o Brasil junto com a família real. A Tibúrcio, a historiografia dedica poucas linhas, apesar de ter sido o primeiro periodista em terras nacionais. Ele permaneceu quatro anos à frente da Gazeta, e nada recebia para realizar o trabalho de redator. A importância de Tibúrcio é relativa. Ele inicia a Gazeta, de forma muito tateante e com clara desordem na forma de organizar o conteúdo, mas, com o tempo, o periódico estabelece um padrão regular. O sucessor de Tibúrcio será Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, que fundou, no Rio, em janeiro de 1813, o periódico *O Patriota*, com viés claro de projeto liberal de difusão do conhecimento. Mas seu principal legado será conduzir, até 1821, o enraizamento nos interesses nacionais e a consolidação da Gazeta, com a separação clara das seções que a constituíam, a saber: Notícias, atos oficiais, avisos e relação de entradas e saídas de navios do porto do Rio de Janeiro. Após 1821, fundará seu próprio jornal, *O Espelho*.

A leitura já da primeira edição aponta o papel que o periódico pretendia desempenhar, em paralelo com a Imprensa Régia, que depois se tornaria a Imprensa Nacional. O caráter informativo, selecionando e republicando informações, é evidente, bem como o foco nas guerras napoleônicas, que haviam expulsado

os leitores da Gazeta da Europa. Logo, mesmo sob censura, o periódico se guia pela função informativa e discursiva que pretende desempenhar.

A organização tateante, de início, indica que ela não tinha um modelo claro, nem era feita por gazeteiros experientes. Com a mudança da corte para a América é mais provável que o periodismo português no Brasil, tendo tomado vagas referências do periodismo português, tenha se desenvolvido de forma independente.

Segundo Gondin Fonseca (1941), a Gazeta tinha, de início, 13 centímetros de largura por 19 centímetros de altura. Saía com 4 páginas, tamanho que manteve até o final, com raras exceções. Na segunda edição, de 17 de setembro de 1808, ela já traz um “avizo” e um “annuncio”, embriões de um gênero que se desenvolverá posteriormente.

O dispositivo formal, com delimitação de espaço, posições, etc, ainda não está plenamente configurado. Ele não impõe sua organização sobre os acontecimentos, demandando informações e textos de tipos diferentes, conforme as suas seções. Isso revela uma precariedade na forma de narrar os acontecimentos. A desordem é evidente e faz com que não haja edições prototípicas, de início (são prototípicas aquelas que manifestam individualmente a organização permanente do periódico. São exemplificações de uma forma estável). Os textos são incluídos no jornal conforme a ordem em que chegam, tendo datas diversas, em função do caminho que percorreram para chegar ao Brasil. Quanto mais distante a origem, mais antigo é o texto. Não há sistema de títulos, apenas a informação sobre o local e data em que o texto se originou. A Gazeta inicia, assim, em terras brasileiras um hábito comum na Europa, que será também comum no país: a republicação de documentos, conforme os interesses que movem cada veículo. É a tradição dos republicadores e recompiladores².

Mesmo não sendo um dispositivo formal estável, no início, já estão claros os gêneros mais recorrentes na Gazeta: cartas publicadas ou republicadas; documentos publicados ou republicados; relatos de relatos; republicação de compilações; artigos polêmicos; narrativas laudatórias; avisos; anúncios. (MESSAGI JR, 2009, p. 197).

² Ao longo da história da imprensa no Brasil, haverá muitos jornais com estas características, inclusive usando estes nomes: Republicadores e Recompiladores.

Vamos começar pelo dois últimos gêneros, pois eles materializam de forma mais clara a presença dos leitores no periódico. Ainda que não ocorra em todas as edições, o pé da página quatro é onde se publicam os avisos da própria Gazeta e anúncios à praça. Nesse espaço, diversos cidadãos, a partir da segunda edição, anunciam para seus pares. Mesmo o príncipe regente faz uso desse espaço, para notificar ações como a que anuncia na terceira edição:

A N N U N C I O.

Por Decreto de 2 de Agosto do prezente anno foi S. A. R. Servido Fazer Mercê a João Rodrigues Pereira d'Almeida, e Matheos Pereira d'Almeida, Negociantes desta Praça, de uzarem da firma de Joaquim Pereira d'Almeida, e Companhia, authorizando-os para com a dita assinatura poderem pedir, e satisfazer em Juizo, e fora d'elle todas as obrigações activas, e passivas, que á mesma Sociedade pertencerem.

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1808.

O texto não tem caráter performativo. Ou seja, ele não realiza a ação que anuncia, como acontecerá, depois, na Gazeta e se prolongará ao longo da história do Brasil, em periódicos oficiais cuja função principal será dar publicidade e realizar os atos do poder público, que passam a ter efeito com a publicação. Isso fica evidente na mesma edição, quando o editor anuncia que atos de governo foram realizados.

Sabirão á luz: Alvará de 13 de Maio de 1808; da Creação da Contadoria da Marinha: Alvará de 28 de Junho de 1808; da Creação do Erario Regio, e Conselho da Fazenda deste Estado, e Dominios Ultramarinos; Carta Pastoral do Excel-

Assim, o príncipe regente deve fazer uso, para anunciar ações à praça, do espaço destinado aos demais cidadãos do Rio de Janeiro. Esse é o espaço mais local do jornal e cumpre, assim, a função mais evidentemente orgânica, conforme Park (in MAROCCO e BERGER, 2008), de produzir informações fundamentais para a organização cotidiana da sociedade. Esse espaço para anunciar publicações da Imprensa Régia não foi planejado, nem tampouco o espaço para a população estava previsto de início. Ambos são demandados na primeira e na segunda edição, conforme relata Fonseca (1941, p. 14-15), contando a história do frei Tibúrcio:

Ali estava ele, sentado a uma escrivaninha, feito jornalista. Jornalista! Esta só pelo diabo!

- Senhor Frei Tiburcio!

- Entre quem é.

Era o chefe das oficinas com um anúncio, o primeiro que se publicou no Brasil, a 10 de setembro de 1808, no primeiro número da Gazeta. (...)

A redação dos anúncios era um dos seus maiores divertimentos nesta cidade mazomba e cheia de negros. O anunciante não pagava nada, mas Frei Tiburcio cobrava em conversa o preço do seu trabalho. (...)

E assim, no segundo número da Gazeta do Rio de Janeiro, a 17 de setembro de 1808, saiu o segundo anúncio publicado no Brasil.

O espaço de anúncios está assim dividido entre a Imprensa Régia e a população, que irá aumentar, paulatinamente, sua inserção nas páginas da Gazeta.

NOTICIA.

Estão no Prelo as interessantes Obras seguintes: Memoria Historica da Invasão dos Francezes em Portugal no anno de 1807. Observações sobre o Comercio Franco do Brazil.

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1808.

ANNUNCIO.

Quem quizer comprar huma morada de cazas de sobrado com frente para Santa Rita falle com Anna Joaquina da Silva, que mora nas mesmas cazas, ou com o Capitão Francisco Pereira de Mesquita que tem ordem para as vender.

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1808.

Os anúncios, gratuitos, serão importantes por dois motivos. Primeiro, eles indicam que a Gazeta tinha uma função social relevante, que mediava as pessoas, que introduzia uma lógica na cidade inexistente antes da imprensa. Ela tornava as informações públicas ou as publicizava. Mas esse espaço será utilizado apenas para informações de uso comercial, que precisavam ser divulgadas massivamente ou informações do poder público. Nunca adentrará nos anúncios de morte, por exemplo. As mortes eram anunciadas por sacristães, sinal de que muitas informações, por razões culturais, corriam por via oral (FONSECA, 1941, p. 29). A oralidade, portanto, desempenhava uma função informativa relevante.

Excetuando esse espaço menor, o resto do jornal cumpre o papel informativo internacional, publicando documentos, cartas, textos publicados em outros jornais e relatos orais, conforme eles cheguem. Tanto o espaço de mediação local quanto o de informações ultramar são de interesse dos leitores. O jornal “anódino e tedioso” vai crescer rapidamente. Diz Bahia, sobre A tiragem e circulação da Gazeta:

Já no primeiro número, cria um sistema de circulação que usa ponto-de-venda e serviço de assinaturas com entrega domiciliar. E como ocorre com toda imprensa, recebe antecipadamente o pagamento da assinatura. (...) é provável que em poucas semanas a Gazeta do Rio de Janeiro tenha alcançado 1 mil subscritores. (1990, p.15)

A relação da Gazeta com o seu público não se materializa apenas na tiragem. Bethania Sampaio Corrêa Mariani, autora de *Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória)*, descortina algumas das condições discursivas nas quais a imprensa brasileira opera no seu primeiro ano de existência: 1808. Isso implica, no mínimo, dizer de onde a imprensa fala e para quem fala. Decorre, dessa condição, o como e o que fala. Sobre a posição discursiva da Gazeta e do Correio Braziliense, diz Mariani (in ORLANDI, 2003, p. 32):

Podemos supor que o alvo dessas publicações era constituído por portugueses – isto é, leitores portugueses residentes na Europa ou fora dela – mas não por brasileiros. Os nomes *Gazeta do Rio de Janeiro* e *Correio Braziliense* funcionam, assim, apenas como topônimos: no primeiro, a referência é ao lugar onde se encontra a Corte Portuguesa; no segundo, o termo “brasiliense” é uma alusão ao lugar de destino daquele “correio”: as terras brasileiras elevadas à condição de Reino Unido a Portugal e Algarves.

Assim, a autora indica que a imprensa que circula no Brasil nos seus primórdios não é brasileira. “Nos raros momentos em que se tematizava o Brasil, tratava-se mais de um discurso *sobre* o Brasil e não de um discurso jornalístico brasileiro propriamente dito. Por ser assim, esse discurso jornalístico se insere no fluxo de um imaginário europeu que vem se organizando desde a descoberta do Novo Mundo”, diz Mariani (in ORLANDI, 2003, p. 32).

O segundo gênero são as cartas. Elas podem ser separadas em dois subgêneros, com algumas diferenças. Os primeiros são as cartas enviadas ao príncipe regente ou à nobreza, que terão um caráter informativo e laudatório. A seguir:

*Extracto de huma Carta do Juiz da Alfandega de Faro a S. A. R.
O Principe Regente Nosso Senhor.*

DEPOIS de expôr o amor e saudade, que os vassallos Portuguezes tem pelo seu Principe, e as indignas violencias sofridas pelo povo debaixo da oppressão Franceza, passa a descrever a Restauração do Algarve do modo seguinte.

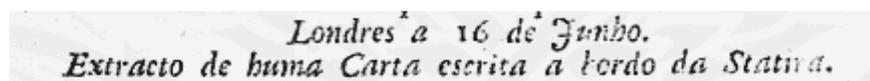
No dia 16 de Junho ao ler-se em Olhão hum Decreto de Junot, o valeroso Ex-governador Jozé Lopes de Souza o arranca, pisa-o aos pés, e virando-se para o povo exclama: „já não ha Portuguezes!„ Este brado he ouvido dos pobres pescadores daquella terra, pedem-lhe que os comande, assim o faz, e os Francezes são obrigados a fugir, desamparando todos os postos, que occupavão. O General Francez residente nesta Cidade manda huma columna de tropas para castigar hum tão grande patriotismo, esta he reaçhada, e retira-se sem effeito. A 19 do corrente pelas 3 da tarde he investido em Faro o General Francez; sua guarda obrigada a entregar as armas, as munições, casa, General, e Officiaes, que até pelos rapazes são levados á prisão. Os Francezes, que guarnecião as terras deste Reino do Algarve, sao por toda a parte afugentados, e a columna, que fôra reaçhada em Olhão, sendo recebida na fuga a esta Cidade de Faro por huma descarga de metralha, he constringida a fugir. Em fim, Senhor, nosso territorio, até aqui usurpado, está livre de Francezes; e este offerecemos agora a V. A. R. com as nossas vidas, e fazendas. Por toda a parte deste Reino sôa: = Viva o nosso amado Principe = Viva a Casa de Bragança. = Eu, e toda esta corporação da Alfandega o temos mil vezes repetido, e com o mais profundo respeito desejamos receber ja as ordens do nosso Principe, e rogamos a Deos conserve a saude a V. A., e a toda a Familia Real, etc. etc. Faro 30 de Junho de 1808 (segue-se a assignatura).

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1808.

O redator, ao usar o termo “extracto”, deixa antever que as limitações do dispositivo operam na produção dos seus textos. Cartas diferem da comunicação massiva por, pelo menos, dois aspectos que operam como condições de produção de discurso. Primeiro, destinam-se a leitores únicos. São comunicação interpessoal. Isso implica uma série de características textuais. Segundo, não têm tamanho definido, podendo ser muito curtas ou muito longas. Textos laudatórios tendem a ser longos, pois destinam-se ao receptor individualmente, para elogiá-lo, com intenção de obter algum reconhecimento ou favor. A Gazeta, falando de perto com seus leitores, adota periodicidade curta, bissemanal. Além disso, as condições materiais de impressão não permitem tiragens muito altas nem grande quantidade de páginas. O prelo, nesse momento, tem capacidade aproximada de 250 impressões por hora. Isso significa que apenas 500 exemplares da Gazeta (1000 impressões, somando frente e verso) levariam quatro horas para serem impressos. As coerções materiais endógenas limitam as possibilidades do dispositivo e engendram uma prática, explícita nos textos do periódico: a síntese.

O gênero carta, ao ser republicado na Gazeta, precisa ser adaptado, pois é um gênero primário, no entendimento de Bakhtin, que dará origem a outro gênero, que são as cartas publicadas. Da mesma forma como existe o gênero romanesco epistolar, que não se confunde com as próprias cartas, o gênero carta publicada ou republicada (no caso de serem extraídas de outros periódicos) também já não é uma carta. A mera transposição de local de acontecimento discursivo implica que esse texto já não é o mesmo. Mas há mudanças ainda mais perceptíveis, porque se manifestam de forma imanente.

A Gazeta tem apenas quatro páginas. Isso implica que os seus gêneros possíveis são típicos da comunicação periódica, feita com espaço fixo e normalmente pequeno. Por essa razão, a Gazeta deve priorizar as informações mais relevantes contidas no texto, sintetizando ou excluindo outras partes. Outro exemplo de como as cartas são publicadas em partes é o fac-símile abaixo.



Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1808.

Assim, o próprio texto da Gazeta confessa que seu redator deveria ser dotado da capacidade de seleção e de síntese, segundo uma lógica que se impõe às cartas, gênero primário convertido em gênero secundário. Vejamos como isso se manifesta no texto.

O redator começa sintetizando a carta:

Depois de expôr o amor e saudade, que os vassallos Portuguezes tem pelo seu Príncipe, e as indignas violências sofridas pelo povo debaixo da oppressão Franceza, passa a descrever a Restauração do Algarve do modo seguinte. (Gazeta do Rio de Janeiro, 28/09/1808, página 1)

De fato, ainda que cite as loas tecidas ao príncipe, interessa, sobretudo, o relato da restauração de parte do território português. O tom laudatório ainda está no texto, seja de elogio ao próprio povo (“Para castigar hum tão grande patriotismo”), seja de submissão ao príncipe (“Por toda parte deste Reino soa: Viva o nosso amado Príncipe”). Mas ele é minimizado, em favor da concisão e das informações contidas. O texto inscreve as práticas que lhe engendram, seja da primeira voz, que escreve a carta, seja da segunda voz, que a toma para si e a reconfigura, com outra perspectiva.

O outro tipo de carta é mais descritivo.

Londres a 16 de Junho.

Extracto de huma Carta escrita a bordo da Statina.

“ Segundo o que nos disse o Official Hespanhol , que levámos a Lord Gambier , o Povo Hespanhol faz todo o possivel para sacudir o jugo Francez. As Provincias de Asturias , Leão , e outras adjacentes armááo 80000 homens , em cujo numero se comprehendem varios mil de Tropa regular tanto de pé , como de cavallo. A Corunha declarou-se contra os Francezes , e o Ferrol se teria igualmente sublevado a não ter hum Governador do partido Francez. Os Andaluços , nas visinhanças de Cadiz , tem pegado em armas , e destes ha já 60000 , que são pela maior parte Tropas de Linha , e commandados por hum habil General. Toda esta tempestade se originou de Bonaparte ter declarado a Murat Regente de Hespanha. O espirito de resistencia chegou a Cartagena , e não duvido que em pouco seja geral por toda a parte. Espero que nos mandem ao Porto de Gijon , que fica poucas leguas distante de Oviedo , com huma sufficiente quantidade de polvera , &c. pois do successo de Hespanha depende a sorte de Portugal. A revolta he tão geral , que os habitantes das Cidades guarnecidas por Tropas Francezas tem pela maior parte ido reunir-se nas montanhas com os seus Concidadãos revoltados. „

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1808.

O texto continua sendo um extrato. Há ainda traços laudatórios: “Commandados por um hábil General” e “O espírito de resistência chegou a Cartagena, e não duvido que em pouco seja geral por toda parte”. Mas, no geral, o texto busca descrever, citando quantidades de tropas e acontecimentos, como o fato dos andaluzos terem se armado. O texto reflete a posição de quem o escreve, um militar. Além disso, parece muito menos exagerado como cabe às cartas dirigidas a autoridades de um poder constitucional, como a Monarquia inglesa. Além disso, a data do texto e local no início indicam que ele é republicado, original de um periódico londrino. Nesse caso, a prática que o engendra não envolve reescritura, mas seleção, posto que, na própria Gazeta Tibúrcio, confessa que muitas folhas chegam ao porto do Rio de Janeiro. Isso implica que ele deve selecionar informações.

Tibúrcio foi escolhido pela confiança de que gozava na corte. Por isso, escrevia com grande liberdade. Em cartas, ele conta que o príncipe lia, primeiro, suas traduções dos periódicos estrangeiros. Depois, os textos eram revisados por dom Rodrigo. Mas o frei não tem liberdade plena. Os gêneros naturalmente selecionam os temas de que tratarão e se revestem, eles próprios, de restrições que lhes são pertinentes. No caso de cartas, vindas geralmente de longe, os temas são normalmente relatos do mundo distante da Europa e, mais tarde, do distante interior do Brasil. Mas não será só isso que vai determinar suas possibilidades temáticas. A própria organização do correio e os fluxos comerciais serão determinantes para entender que tipo de informação chega ao Brasil.

O sistema de correspondência terá grande uso para a imprensa no Brasil, da mesma forma como tem, então, para a imprensa do resto do mundo. Será a principal estrutura por onde as informações chegarão, num momento em que a imprensa é, sobretudo, internacional, não local.

O gênero seguinte são os documentos publicados e republicados. A margem de manobra do redator nesse gênero é muito restrita, mas isso não significa que o jornal apenas reproduz os documentos, cuja origem pode ser outro jornal ou um documento exclusivo. Ao redator compete selecionar os documentos relevantes. Não lhe cabe alterar, para sintetizar ou esclarecer o que vai escrito. Há, eventualmente, pequenos comentários, como na reprodução a seguir:

Proclamação do Vice-Rei interino das Províncias do Rio da Prata.

Nobres, e incomparaveis Habitantes das Províncias do Rio da Prata! Vós, ansiosos de toda a especie de gloria, e que só esperais occasiões de adquiri-la, ouvi hum conselho, que vos dá o vosso melhor amigo, que nunca vos enganou, e que, considerando á cada hum de vós como a filho seu o mais amado, quizera inventar todas as semanas, dias, e horas hum arbitrio novo para augmentar o alto conceito de que vos tem feito acredores o vosso patriotismo, que immortalizará a vossa fama.

Temos-nos liberrado, e defendido de hum enxame de inimigos empenhados em a nossa ruina, e não titubeámos hum momento, entre as lisongearas (mas perfidas) promessas do Imperador dos Francezes, na fidelidade ao nosso legitimo Soberano: tudo isto he muito; porém ainda nos falta que fazer, e vem a ser o supplemento, e para fallar com mais propriedade, o complemento do vosso heroismo; em huma palayra, a nossa Mãi Patria está em perigo; se duzentas, ou trezentas legoas nos separassem sómente della, estou certo que todos anhelariao (como já manifestou o corpo dos Patricios) por morrer, ou vingá-la dos inimigos, que injustamente intentão domina-la contra a sua vontade, e seus verdadeiros interesses; mas o que ella hoje precisa he muito menos que as nossas pessoas; sobejão-lhe braços, e armas para escarmentar os seus contrarios; mas acha-se precisada de fundos para pagar ás suas tropas. Nós, assim he, que não os temos de mais para o mesmo effeito; porém que obstaculo não vence o patriotismo? Que filho, por deshumano que seja, não largará parte do seu sustento para conservar os dias de sua Mãi? Eu mesmo me estou envergonhando, por buscar estimulos á vossa generosidade, e singelamente passo a indicar-vos que está aberta huma subscripção patriótica para soccorro da Metropole em todas as Camaras do Vice-Reino nas quaes se admittirá todo o genero de contribuição, por pequena que seja, já em frutos, já em dinheiro, a titulo de emprestimo, ou donativo na intelligencia que, assentado o nome de cada hum dos contribuentes, poderão estar certos que mais ficará impresso em os corações dos verdadeiros Hespanhoes que no papel; e não duvido hum só momento que todos á porfia, segundo as suas possibilidades, corrao ansiosos na America Meridional a dar esta nova prova de fidelidade, e patriotismo. Buenos Ayres 27 de Agosto de 1808.

(Assignado.)

Santiago Liniers.

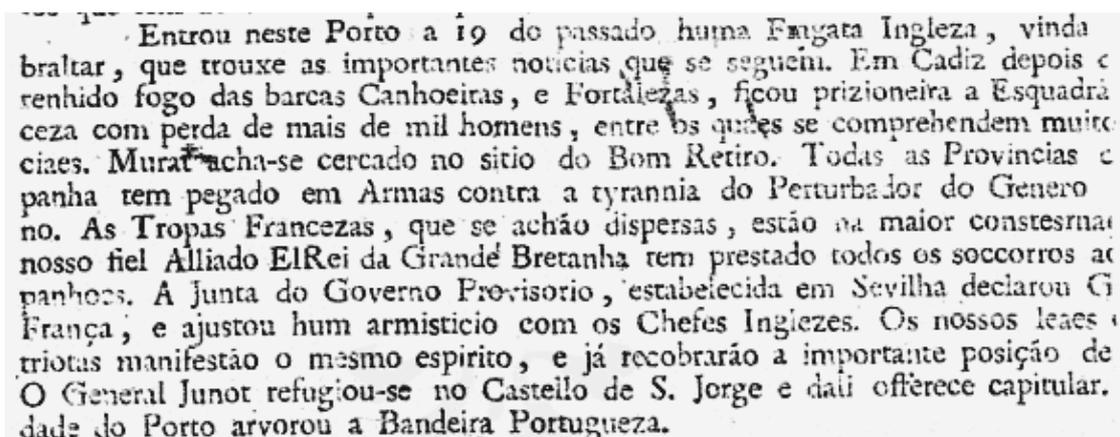
Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1808.

O assunto não tem relação com o Brasil, mas com a guerra travada pela Espanha contra Napoleão. Assim, indiretamente, se mantém o foco nos leitores. A relação com o texto original é de respeito pela

autoria, que não é alterada em momento algum. Assim, nesse gênero, o redator se esconde, tenta produzir um efeito de apagamento de si mesmo, porque tem pouca margem para intervir no texto original e porque a publicação deve significar o próprio documento, com seu valor intrínseco, não com valor e sentido derivado do fato de estar numa folha pública. O texto primeiro é um de documento formal, e é tratado como tal. Mesmo que se transforme em um gênero periodístico, quando publicado, tal condição deve ser escondida.

O próprio ato de selecionar e republicar impõe que a escolha seja regrada por critérios, como a relação com os temas que o redator julga pertinentes para o público. O estilo, portanto, pertence mais ao gênero original e segue um princípio fundamental, retórico, de argumentação, coerente com o tom adotado pela própria Gazeta. Esse gênero se escora no patriotismo, busca estabelecer racionalmente relação com o leitor pelo amor à pátria. Como atos de governo, os textos se revestem da necessidade de justificar suas atitudes, como no trecho “a nossa Mãe Pátria está em perigo”. São textos oriundos do Estado, mas interessam como informação. Estando deslocados, perdem o caráter performativo para preservar o caráter informativo formal.

O quinto gênero são os relatos de relatos. Sua finalidade é prover informações sobre o distante. Logo, os relatos se voltam para os viajantes, que vêm de outras terras trazendo novidades sobre o que vai pelo mundo. É um gênero que marca nitidamente a falta de interesse de Tibúrcio pelos leitores locais, no começo da Gazeta. O gênero conta a história dos feitos dos aliados, mas é o mais seco de todos, o menos adjetivado, o mais conciso.



Entrou neste Porto a 19 do passado humna Fragata Ingleza, vinda de Braltar, que trouxe as importantes noticias que se seguem. Em Cadiz depois de ter recebido fogo das barcas Canhoeiras, e Fortalezas, ficou prizioneira a Esquadra Francesa com perda de mais de mil homens, entre os quizes se comprehendem muitos officiaes. Murat achase cercado no sitio do Bom Retiro. Todas as Provincias de Castella tem pegado em Armas contra a tyrania do Perturbador do Genero. As Tropas Francezas, que se achão dispersas, estão na maior consternação. Nosso fiel Alliado El Rei da Grande Bretanha tem prestado todos os soccorros a Castella. A Junta do Governo Provisorio, estabelecida em Sevilha declarou guerra a França, e ajustou hum armisticio com os Chefes Inglezes. Os nossos leaes patriotas manifestão o mesmo espirito, e já recobrarão a importante posição de O General Junot refugiou-se no Castello de S. Jorge e dali offerece capitular. A chegada do Porto arvorou a Bandeira Portugueza.

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1808.

A desordem do dispositivo não separa esses textos de outros. O único critério de separação claro é a data e o local em que o texto foi produzido; sua origem. Assim, muitas vezes os relatos estão misturados com documentos ou com textos polêmicos, que normalmente falam sobre a informação contida anteriormente. Mas são práticas distintas. Ou seja, o relato não vai sendo feito e comentado ao mesmo tempo. Primeiro, o redator relata o acontecimento e só depois comenta. O texto normalmente começa localizando a origem das informações que lhe sustentam (“Entrou no Porto a 19 do passado...”). Depois, o relato centra em acontecimentos, normalmente feitos dos aliados, com leve pinceladas do respeito laudatório do qual não escapa, mas que, nesse gênero, é pequeno, como “nosso fiel Aliado El Rei”. A ordem das informações, geralmente, é cronológica, como os acontecimentos que a engendraram, mas preserva-se o caráter factual.

Esse gênero é importante, por ser o mais livre e com informações totalmente originais. Junto com os textos polêmicos, é nesse gênero que se manifesta de maneira mais clara o trabalho do redator. Nitidamente, o texto não pretende defender a coroa em primeiro lugar, mas manter a população da cidade informada sobre os acontecimentos. Tibúrcio adota a posição de autor e, tendo acesso às fontes, tem grande autonomia para produzir seus textos, posto que ele é depositário das informações, que não podem ser questionadas. As fontes são sempre viajantes. Eles vêm de fora e são citados pelo redator.

O sexto gênero são as republicações de compilações. Diversas folhas noticiosas chegam até o porto do Rio de Janeiro. Muitas trazem relatos, textos produzidos pela própria redação do periódico em questão. Na reprodução abaixo, o interesse informativo é evidente: relata a discussão no parlamento inglês da posição que o país assumiria em relação à Espanha, tratada até então como inimiga, mas que passa a ser aliada na luta contra Napoleão. Nada poderia interessar mais à corte neste momento.

A moção de Mr. Sheridan de 15 de Junho, e a falla de Mr. Canning, Ministro dos Negocios Estrangeiros são tão interessantes, que apresentaremos aos nossos Leitores alguns Extractos dellas, alargando-nos mais sobre a de Mr. Canning, por mostrar as idéas do Governo a respeito da crise actual da Hespanha. Mr. Sheridan levantou-se para dizer, que elle não tinha intenção nenhuma mais no que havia a expôr, do que de discutir hum assumpto que actualmente excitava a attenção do Povo Inglez. Elle não vinha propôr aos Ministros de fazerem huma especulação precipitada, ou fantastica, mas estava intimamente persuadido que desde a Revolução nunca se offerecêra huma occasião tão opportuna para a Grão-Bretanha opperar a salvação do mundo. Elle desejava que se inculcasse a Nação Hespanhola que estavamos resôlvidos a adoptar huma conducta differente da que até agora tinhamos seguido, e que estavamos determinados a contribuir da maneira a mais efficaz para o resgate da Europa. Que a cooperação com a Hespanha (a julgar-se conveniente) houvesse de ser huma cooperação efficaz, se fosse certo com tudo que a Hespanha se resente, como deve, dos enormes insultos, e injurias que tem soffrido ao Tyranno do Mundo; que a certeza de que será apoiada por huma Nação grande e poderosa, tornará mais sublimes e energicos os seus esforços, e que era para obter este generoso soccorro do Governo Britanico que elle procurára com ancia esta occasião de propôr ao Parlamento:

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1808.

O texto é longo e toma mais de uma página da Gazeta. Aqui mostramos apenas o começo. A prática de relatar discussões parlamentares não existe no Brasil, pois não há parlamento ainda. A Gazeta, portanto, apenas republica relatos de outros parlamentos e não sofre nenhuma censura nesse gênero, até para proteger a integridade dos textos originais. Assim, o periódico traz informações de um poder que pode insuflar na população desejos liberalizantes moderados. Mais uma vez, a questão política, a firme restrição censória à qual a Gazeta estaria subjugada, cede a um propósito maior: informar sobre os acontecimentos no mundo. Neste caso, mais uma vez, o texto não está distinto de outros. Pelo contrário, está misturado com uma carta, oriunda do mesmo local e produzida na mesma data. Provavelmente, o documento e o relato republicado pela Gazeta chegaram no mesmo periódico. A origem os agrupa na mesma rubrica de data e local.

Note-se que Tibúrcio apenas traduz o relato, longo e esclarecedor. É a forma como a população toma ciência de que a Espanha, ex-aliada da França, se aliara à Inglaterra para lutar contra Napoleão. Não há edição no texto, cujo interesse declarado no início guia de fato a decisão. O redator original explica qual foi seu critério de seleção e alega que reporta o que houve de mais interessante na discussão. Tudo indica que isso é respeitado. O foco recai sobre o parlamentar que tem informações sobre as posições que vai assumir o governo. Sobre a Espanha, diz: “Essa Nação ficará sendo desde esse momento sua aliada”.

Tibúrcio percebe a relevância de tal discussão para seus leitores e a república, na íntegra. Nesse gênero, sua função se assemelha à de um editor, mesmo produzindo para um dispositivo pouco definido. O grande espaço dado à publicação indica que ele atuava como editor. Se a relevância assim o determinasse, o texto era publicado em grande espaço.

O sétimo gênero são os artigos polêmicos. Pela relevância, os artigos polêmicos publicados na Gazeta no seu começo poderiam ser da lavra de membros da Junta Diretora da Imprensa Régia, de Dom Rodrigo ou do próprio Dom João. Há momentos em que, de fato, isso deve ter acontecido, mas há indícios que apontam para Tibúrcio. Primeiro, porque, segundo Cardoso (1991, p. 386), ele foi escolhido “justamente pela confiança que sabiam poder esperar de um súdito fiel e amigo leal do Príncipe Regente”. Segundo, porque o gênero tem algumas especificidades que o tornam trabalho cotidiano de quem faz a Gazeta, não de quem aprova os textos a serem publicados.

Os artigos normalmente polemizam sobre algum assunto que foi noticiado naquela edição. É o que acontece na edição de 17 de setembro de 1808. A Gazeta publica a síntese de um decreto de Napoleão, anexando os territórios do Papa à Itália. Entre outros argumentos, Napoleão alega que aquelas terras foram doadas por Carlos Magno, seu predecessor, e não podem, por isso, ser usadas para proteger os inimigos da religião católica. No final, um artigo polêmico rebate os argumentos do imperador francês:

No Decreto de que fallámos nesta nossa folha, o Imperador dos Francezes não achou, a pesar de todo Machiavelismo da sua política, outras razões para tirar os bens temporaes a S.S. [Suma Santidade], que não querer declarar guerra aos Inglezes, e a interpretação falsa, que caracteriza todos os actos do seu governo, da doação de Pepino, pai de Carlos Magno a beneficio da Santa Sede; como se hum acto de capricho podesse transtornar direitos fundados na Historia, não controvertidos por espaço de tantos seculos, e em qualquer caso justificados por huma posse tão dilatada.

Logo, o redator de tal artigo é provavelmente alguém que vivencia o dia a dia da Imprensa Régia. Ao escrever sobre um tema que está sendo publicado no periódico, a celeridade é a marca de tal escritura. Ela se insere como uma produção da rotina da redação da Gazeta e deve ser realizada como tal. Tibúrcio fazia a Gazeta em praticamente dois dias. Isso envolvia ler, selecionar e, no caso das gazetas londrinas, francesas ou de outros países que não Portugal, traduzir os textos. Exercia, como era prática, todas as funções, da mesma forma que Hipólito no Correio Braziliense. Provavelmente, acompanhava a composição, para garantir que os textos saíssem sem erros, cuidando portanto da sua revisão. As atividades de gazeteiro eram muitas. Assim, ou demandava no início do processo que os artigos polêmicos

fossem escritos, ou, como parece ser mais provável, os escrevia, dentro do espaço que sobrava na edição. Demandar que o artigo fosse escrito por outra pessoa incluía o risco de receber um texto longo demais, que deveria, assim, figurar no começo da edição, reduzindo-se o espaço dos outros gêneros. Disposto no fim, tal gênero parece colado no próprio processo de feitura do periódico, sob controle de quem tinha ciência do espaço de que cada edição dispunha. Como o processo de composição, com tipos, impõe linearidade, é evidente que a Gazeta era composta na ordem em que as informações chegavam, das primeiras páginas para as últimas. Os outros gêneros têm menor possibilidade de manipulação do tamanho pelo redator, pois os textos já chegam prontos. Há possibilidade, é claro, de sintetizar, excluir partes, mas o controle é limitado. Já no gênero polêmico, o controle é total. Assim, feito dentro do processo cotidiano de produção da Gazeta, ele serve para ajustar a quantidade de texto ao espaço gráfico disponível.

O artigo polêmico tem seu tamanho totalmente sob controle do redator. Assim, ele é o último a ser produzido, por razões editoriais e operacionais. Primeiro, porque ele comenta uma informação da edição. Logo, a seleção de informações antecede a redação do artigo. Segundo porque, disposto no fim, ele serve, operacionalmente, para fechar a Gazeta nas suas quatro páginas convencionais. Para que a Gazeta saia com todas as quatro páginas ocupadas diariamente, neste sistema, ela recorre a publicar tudo o que cabe, adiando para a edição seguinte a disponibilização de outras informações, como faz e anuncia várias vezes. Há ocasiões, quando há muitas informações, em que Tibúrcio produz suplementos. Isso indica que o dispositivo não se impõe às informações que chegam, mas, pelo contrário, que as informações, ainda que tenham que se conformar ao dispositivo, o suplantam, sendo mais relevantes que a própria organização da Gazeta. Assim, o periódico luta para ter, mas não tem, de fato, um tamanho muito preciso.

O último gênero são as narrativas laudatórias. Esse gênero será bastante frequente na Gazeta e é relevante, do ponto de vista historiográfico, por ser objeto de leituras que o tornam muitas vezes como homogêneo no periódico, quando na verdade ele não é nem mesmo o mais incidente. Aliás, muito longe disso. Veja um exemplo abaixo:

tes merecem queira. Rio de Janeiro 1 de Outubro.

S. A. R. O PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor por occasião das agradáveis, e faustas noticias, que acabão de chegar da Restauração da maior parte do Reino de Portugal, passou logo no dia de hontem a Capella Real a dar as devidas Graças ao Ente Supremo pelos favores, com que se tem dignado de abençoar os esforços da fidelidade, e Religião dos Portuguezes, assistindo com toda a Corte ao *Te Deum laudamus*, que allí se cantou. Ordenou o Mesmo Senhor por este plausivel motivo, que houvessem luminarias por tres dias successivos, dispondo-se no ultimo a receber as felicitações do Corpo Diplomatico, e mais Cortejo de costume, devendo no mesmo dia haver arrumamento do luzido corpo de Tropas desta Capital.

S. A. R. O PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor Digno de aceitar a generosa, e Patriótica offerta, que a bem do restabelecimento da independença Portugueza faz o Chefe de Divisão, Jozé Maria D'antas Pereira, da metadade do rendimento da Thesouraria da Bula da Cidade do Porto, que lhe pertence, e a parte dos seus Soldos, descontada na proxima cobrança delles, ou por qualquer outra vez, ou a medida que se forem vencendo.

Os Officiaes de Secretaria de Estado dos Negocios de Marinha e Dominios Ultramarinos fizeram igualmente donativo de hum mez de seu ordenado a favor dos seus Compatriotas opprimidos pelo Inimigo, e que vão concorrido para a gloriosa Restauração de Portugal.

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1808.

O gênero se caracteriza por ser descritivo e, nesse aspecto, se distingue dos relatos de relatos, pois ele não é resultado de informações distantes, trazidas oralmente por fontes que portam notícias do além-mar ou do aquém continental. Normalmente, as descrições versam sobre as ações da família real, festas e rituais da corte. O autor inscrito no texto narra tais acontecimentos como se tivesse de fato presenciado tais coisas, mas é muito provável que nem todos os acontecimentos tenham sido de fato acompanhados por quem escreve.

Este é o primeiro³ que aparece dentro desse gênero. O soberano passou na capela, assistiu ao *Te Deum laudamus*⁴, ordenou que houvesse luminárias por três dias e ainda agradeceu donativos. Acompanhar todo esse percurso, de perto, tomaria muito tempo. Por isso, é provável que o texto seja resultado também de relatos orais, mas ele não anuncia, como no outro gênero, que há uma fonte que não o autor. Ela está oculta, pois não é necessário marcar a distância geográfica de onde provém a informação.

³ Uma edição anterior da Gazeta do Rio de Janeiro, a número 4, está danificada. Por isso, não foi possível checar se não foi ali que o gênero começou. A diferença entre uma e outra é de uma semana.

⁴ Expressão latina que significa "A ti, ó Deus, louvamos". Cerimônia católica de louvação a Deus.

O gênero tem uma estrutura narrativa (“Passou logo no dia de ontem a Capella Real”) e caráter altamente laudatório (“A generosa, e Patriótica oferta” e “A gloriosa Restauração de Portugal”). O texto é original sempre, pois os fatos acontecem no Rio de Janeiro, e tem caráter estratégico, o que provavelmente limitava a liberdade do redator. Mesmo que a corte tivesse sido muito bem recebida, pelo seu significado político, cultural, econômico e social para a colônia, onde se instituiu uma nova nobreza e uma configuração de corte tupiniquim, o rei sabe bem da importância de valorizar os ritos. As etiquetas distinguem, na nobreza, a classe de quem as pratica. O gasto e o fausto não são apenas excesso, mas são a forma de marcar a posição social de quem os realiza ou pratica: a corte. A aculturação dos comerciantes locais, de “grosso trato”, não foi sem choques culturais, como descreve Malerba (2000), mas havia um desejo de se adaptar ao ritual cortês e às regras de convivência social, pelos benefícios que podiam advir disso. Por isso, fazia sentido que a Gazeta também fosse um esforço de propaganda dos novos hábitos e que ela desse visibilidade a todos que se subordinassem à nova lógica. Diz:

Numa sociedade estamental, onde se identifica o indivíduo pelos signos que ostenta seu corpo-manequim, não foi pequeno o impacto das vitrines que se abriram na Rua do Ouvidor. Talvez se poderá mesmo situar no Brasil joanino o início da história da propaganda no Brasil, as principais casas noticiando suas mercadorias e serviços na Gazeta. (MALERBA, 2000: 167)

Logo, o objetivo desse gênero estava longe de ser meramente laudatório, mas se inseria nitidamente na estratégia da corte de fazer com que os colonos aceitassem as regras da nova configuração que ali se instalava. Ao mesmo tempo, Malerba evidencia como, nos anúncios, se materializa o sucesso dessa política, pois o comércio explora habilmente as novas demandas por produtos culturais e simbólicos. É dentro desse gênero, por isso, que se divulgam os donativos e as constantes listas de subscrição, que serviam a um só tempo para que o rei engordasse seu tesouro e para que os comerciantes locais se destacassem perante o rei, como na reprodução abaixo:

Continuação da subscrição dos Commerciantes.

J OSÉ Antonio dos Santos.	60400
Francisco José das Neves.	60400
Manoel Ignacio de Souza Araujo.	40000
João Antonio de Castro Palma.	40000
Francisco Joaquim de Lima.	40000
José Pereira da Silva Guimarães.	40000
Manoel Joaquim da Silva Porto.	40000
Manoel Joaquim de Azevedo.	120800
Manoel de Moura Guimarães.	40000
Nicoláo Joaquim Pereira da Silva.	40000
João Antonio de Freitas.	60400
Rodrigo José Lopes.	60400
Francisco José d' Almeida Lima.	40000
Antonio de Souza Pinto.	80000
Antonio Pinheiro Guimarães.	60400
<i>Continuar-se-ha.</i>	

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.65>

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1808

A lista foi aberta em 14 de outubro de 1808 e continuou por várias edições. Sobre elas, Malerba (2000, p. 248) afirma que “sob o tom de servil dedicação ao soberano, os homens fortes que a subscreveram não deixaram de valorizar subliminarmente a importância de seu gesto, que por certo foi percebido pelo rei”. Por isso, era importante não apenas doar, mas que tais doações tivessem visibilidade, bem como o valor doado. Por isso, esse gênero era estratégico tanto para promover a corte diante da burguesia local quanto para promover a burguesia local perante o rei.

Com tal papel, o gênero pode parecer livre, pela imanência textual, que atribui ao autor a possibilidade de narrar os acontecimentos com grande liberdade, mas a prática que o engendra não pode ser tão livre assim. Gênero importante, estratégico, ligado às práticas rituais da corte, que eram muito rígidas, o texto sofre coerções, explícitas ou não, para que realize sua função adequadamente. Daí, não poder ser tão livre, posto que sobre ele pesavam os olhos do rei.

Considerações finais: contra a parte pelo todo

Os textos laudatórios têm sido tomados como quase o todo da Gazeta. Armitage, por exemplo, alega que no periódico saíam apenas notícias sobre o estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, vez em quando, documentos de ofício, odes e panegíricos da família reinante, bem como notícias dos dias de aniversário. A Gazeta, pelo tipo de informação que veiculava, deveria, de fato, tratar da saúde das casas dinásticas da Europa em guerra, posto que o destino das nações, em monarquias, se confunde com o destino das famílias reais. Mesmo assim, não era esse seu foco, mas tudo que acontecesse e afetasse Portugal, metido nos conflitos com Napoleão. A família real era objeto de narrativas de caráter laudatório, tom que perpassa toda Gazeta, mas cuja finalidade está longe de ser apenas laurear a família real de elogios, como as odes e panegíricos. Aliás, essa leitura é uma simplificação histórica sobre a relevância do gênero. Os dias de aniversário eram, de fato, cobertos, mas tinham foco no ritual, que era um dos poucos instrumentos de poder de que dispunha Dom João. Poder cultural, diga-se de passagem. Além disso, esse gênero, como demonstra o trecho abaixo, ocupava menor espaço.

Rio de Janeiro 15 de Outubro.
 Quarta feira 12 do corrente, dia do Anniversario de S. A. R. o Serenissimo Sennor PRINCIPE da Beira, houve grande Galla na Corte, a que concorreo o Corpo Diplomatico, e as primeiras Pessoas de todas as Classes para cumprimentarem a SS. AA. RR. por tão plausivel motivo: Estiverão embandeiradas as Fortalezas, e as Embarcações de Guerra Nacionaes e Estrangeiras surtas neste Porto, que salvárão na fôrma do costume.
Despachos expedidos pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.65>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 46, p.164-189, jan./abr. 2022

Fonte: Gazeta do Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1808.

O relato é breve e passa rapidamente para o próximo tópico, que cumpre função de dar publicidade a atos de governo.

A leitura de Bahia (1990, p. 18) também vai pelo mesmo caminho, apesar de ser menos equivocada que a de Armitage. Segundo ele, a Gazeta era “um órgão criado para informar sobre a vida administrativa e a movimentação social do reino”. As narrativas laudatórias, os avisos e os anúncios eram gêneros locais, mas eram minoritários. Na diversidade de gêneros que compunha a Gazeta, o interesse maior estava no exterior, em trazer notícias do exterior para o ambiente da capital do Brasil.

Se o papel de Dom João no Brasil tem sido relido, dando ao monarca o lugar na história que lhe cabe, como fundador do Estado brasileiro, com diversas medidas liberalizantes, a Gazeta não pode continuar a ser lida por uma descrição distante do objeto e de todo enviesada. O periódico faz parte das ações liberalizantes de Dom João. A Gazeta não é um atraso. Para o momento e lugar onde está, ela é progressista, é a fase superior em relação à ausência da imprensa. Contraditória, contribui na abertura que, por fim, reduzirá substancialmente suas funções. Ação de uma monarquia portuguesa, contribui para a independência do Brasil e cumpre um papel dialético, que as leituras simplificadores, mesmo marxistas, não podem mais diminuir.

Mário Messagi Jr.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2140-9919>

Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Curitiba (PR), Brasil

Doutor em Ciências da Comunicação / Unisinos

E-mail: mmessagi@gmail.com

Recebido em: 14 de setembro de 2020.

Aprovado em: 26 de abril de 2022.

Referências:

BAHIA, Juarez. **Jornal: história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. SP: Hucitec, 1992b.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.65>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 46, p.164-189, jan./abr. 2022

- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.
- BERGER, Christa. MAROCCO, Beatriz (orgs). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa - vol. 2**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- CARDOSO, Tereza Maria R. A Gazeta do Rio de Janeiro: subsídios para a história da cidade (1808-1821). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, a. 152, n. 371, abril/junho de 1991. p. 341-436.
- CHACON, Vamireh. **Formação das ciências sociais no Brasil: da Escola de Recife ao Código Civil**. São Paulo: Editora Unesp, Editora LGE, Paralelo 15, 2008.
- COSTA, Hipólito José da. **Correio Braziliense, ou, Armazém Literário, vol. I**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Brasília, DF: Correio Braziliense, 2002.
- _____. Hipólito José da. **Correio Braziliense, ou, Armazém Literário, vol. XII**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Brasília, DF: Correio Braziliense, 2002.
- _____. Hipólito José da. **Correio Braziliense, ou, Armazém Literário, vol. XXV**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Brasília, DF: Correio Braziliense, 2002.
- DORADO, Mecenas. **Hipólito da Costa e o Correio Braziliense**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército-Editôra, 1957.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- FONSECA, Gondin da. **Biografia do jornalismo carioca: 1808-1908**. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1941.
- FUNCHAL, Marquez do. **O conde de Linhares: Dom Rodrigo Domingos Antonio de Sousa Coutinho**. Brasília: Thesaurus, 2008. p. 1-34.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GOMES, Laurentino. **1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2007.
- JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.
- LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. São Paulo: Jorge Zahar, 2003.
- MALERBA, Jurandir. **A Corte no exílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MELO, José Marques de. **História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MELO E SOUZA, Cláudio de. **Impressões do Brasil**: a imprensa brasileira através dos tempos. São Paulo: Globo, 1986.

MESSAGI JR, Mário. **O texto jornalístico no centro de uma revisão da história da imprensa no Brasil**. 2009. 274 f. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunicação)–Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2003.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Uma história da imprensa, enfim. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 31, n. 1, 2008.

RIZZINI, Carlos. **Hipólito da Costa e o Correio Braziliense**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1957.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes. 1983.

TENGARRINHA, José. **História da imprensa periódica portuguesa**. Lisboa: Portugália Editora, 1965.

VARELLA, Flávia Florentino. Repensando a História do Brasil: apontamentos sobre John Armitage e sua obra. **Almanack Braziliense**, n. 8, p. 117-126, 2008.

VIANA, Helio. D. **Pedro I jornalista**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

Resumo

O periódico *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro produzido no Brasil regularmente, foi um dos objetos historiográficos mais maltratados pela historiografia da comunicação do século XX. Lido pelos olhos do debate político, foi reduzido a um irrelevante propagador da vida e dos valores da monarquia portuguesa, de baixo interesse e pouco interessante. Estes olhares tocaram o objeto de fora, o julgaram por fatores externos como sua vinculação ao rei. Periódico monárquico, foi lido pelos olhos da República. Resgatado pela historiografia atual, tem sido relido pelo seu papel em si, não pelo papel que o presente esperava, cronocentricamente, que ele desempenhasse. Com uma abordagem focada na materialidade discursiva e destrinchando suas condições reais de existência e de operação comunicacional, este artigo olha para dentro, sem julgar, tentando entender a *Gazeta* e sua relevância inegável no seu tempo, até por sua durabilidade e pelo tipo de imprensa que engendrou no Brasil.

Palavras-chave: *Gazeta do Rio de Janeiro*. História da comunicação. Análise do discurso.

Abstract

The journal *Gazeta do Rio de Janeiro*, the first one produced in Brazil regularly, was one of the historiographical objects most mistreated by the historiography of communication on 20th century. Read by eyes of the political contest, it was reduced to an irrelevant spreader of the life and values of the Portuguese monarchy, deserving low concern for being irrelevant. These points of view approached the object from the outside, analyzing it by external factors such as its binding to the king. Monarchical journal, it was read by the eyes of the Republic. Rescued by actual historiography, it has been reread for its role in itself, not for the role that the present hoped, chronocentricly, for it to play. With an approach focused on discursive materiality and unraveling its real conditions of existence and communicational operation, this article looks inside of it, without judging, trying to understand *Gazeta* and its undeniable relevance on its time, either for its durability or for the type of press that it created in Brazil.

Keywords: *Gazeta do Rio de Janeiro*. History of communication. Discourse analysis.

Resumen

El periódico *Gazeta do Rio de Janeiro*, el primero producido regularmente en Brasil, fue uno de los objetos historiográficos más maltratados por la historiografía de la comunicación en el siglo XX. Leído a través de los ojos del debate político, fue reducido a un propagador irrelevante de la vida y los valores de la monarquía portuguesa, de poca relevancia y poco interés. Estas miradas tocaron el objeto desde el exterior, a juzgar por factores externos, como su enlace con el rey. Periódico monárquico, fue leído por los ojos de la República. Rescatado por la historiografía actual, fue releído por su papel en sí mismo, no por el papel que el presente esperaba, cronocéntricamente, para que él juegue. Con un enfoque en la materialidad discursiva y desentranando sus condiciones reales de existencia y funcionamiento comunicativo, este artículo mira dentro, sin juzgar, tratando de comprender a *Gazeta* y su innegable relevancia en su tiempo, incluso por la durabilidad y el tipo de periodismo que generó en Brasil.

Palabras clave: *Gazeta do Rio de Janeiro*. Historia de la comunicación. Análisis del discurso.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.